

“IDEOLOGIA DE GÊNERO”: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO BRASIL E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO MONTES-CLARENSE

Amanda Narciso Pereira; graduando em Psicologia;
amandanarcisop@gmail.com

Luiz Henrique Silva Nascimento; graduando em Letras Português e Psicologia; luhesina@gmail.com

Palavras-chave: Educação Sexual; Ideologia de Gênero; Sexualidade.

Sabemos que na atualidade o tema da sexualidade se tornou obrigatório nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s do Brasil, tendo de ser abordado como um tema transversal. Entretanto, no Plano Nacional de Educação – PNE, nos Planos Estaduais de Educação – PEE e nos Planos Municipais de Educação – PME, o tema se torna opcional de acordo com o que cada região considera necessário. Contudo, o objetivo é que a sexualidade seja trabalhada em todas as disciplinas do currículo por uma visão culturalista. Agora, na educação, os professores são implicados – de acordo somente algumas diretrizes – a discutir todos os aspectos da sexualidade, orientações sexuais e identidades de gênero, cada vez mais presente dentro da sala de aula. Os alunos também parecem ter curiosidade sobre o tema, e suas dúvidas são mais complexas do que adolescentes de épocas anteriores. Educação Sexual - ES que deve ser laica, considerando o contexto histórico desses alunos, sem se esquecer de considerar a cultura desse alunado dentro da comunidade em que estão inseridos (DINIS e ASINELLI-LUZ, 2007).

Sendo assim, no que tange à história da ES, se percebe que no seu início existiam várias abordagens para sua execução, sendo elas: “(1) religiosa católica; (2) religiosa protestante (ambas podendo ser (a) tradicional que apesar de não possuir um modelo padronizado, é pautada numa atitude conservadora, totalmente submissa as regras estabelecidas, que poderiam ser o seguimento das normas oficiais do catolicismo ou a interpretação literal da Bíblia (no protestantismo) ou (b) liberadora em que a preocupação era voltada para a formação do cristão, conservando os princípios cristãos fundamentais, sendo estes: o amor, o respeito mútuo e a justiça; (3) médica e (4) pedagógica que postulavam que o indivíduo deveria viver bem a sua sexualidade; e a (5) política que entendia a ES como um compromisso de transformação social, conduzindo as reflexões para as questões que objetavam as relações de poder, aceitação das diferenças e respeito pelas minorias.” (FIGUEIRÓ, 1996).

Contudo, até os anos 1990, poder-se-ia entender por ES:

[...] toda ação ensino/aprendizagem sobre a sexualidade humana, seja em nível de conhecimento de informações básicas, seja em nível de conhecimento e/ou discussões e reflexões sobre valores, normas, sentimentos, emoções e atitudes relacionados à vida sexual (FIGUEIRÓ, p. 51, 1996).

Sendo que somente na entrada dos anos 90 que o tema de ES consegue conquistar novas áreas científicas, fazendo com que os pesquisadores fossem convocados pelas Universidades para pesquisas e pelos meios de comunicação (FIGUEIRÓ, 1996 *apud* BRUSCHINI, BARROSO, p. 41, 1986). Expansão essa, que foi causada devido a abertura política da década de 80, que foi um período fértil para o desenvolvimento de publicações científicas e acadêmicas sobre ES. Entretanto nos anos 70 devido a repressão político-cultural que o país passou devido a ditadura militar, se tem uma grande escassez de publicações.

Contudo, nos resta a problematização: O que faz com que alguns políticos considerem a existência de uma “ideologia de gênero” dentro da ES que deveria ser implementada nas escolas?

Entende-se por ideologia de gênero forma simbólica implicada as relações sociais, pela objetividade e subjetividade de contextos, de forma ideológica, Moura (2014). O que nos faz entender

que o “medo” deles – alguns políticos- é que as crianças e adolescentes se tornem homossexuais por influência dos educadores, por terem contato com a ES, o que os levariam a condenação eterna, seguindo os postulados das abordagens católicas e protestantes tradicional, onde se deve seguir à risca os ensinamentos bíblicos e onde, muitas vezes, se ignora conhecimentos sobre sexualidade, por serem considerados “pecaminosos”. Um retrocesso que antecede os anos 70. O que vai de encontro ao postulado pelo PCN’s, que são pautados nas abordagens médica e pedagógica. A existência de preconceito contra LGBT’s é ignorada e silenciada, principalmente por quem não concordam com a forma de vida desses indivíduos.

Ao não falar a respeito deles e delas, talvez se pretenda eliminá-los, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui, o silenciamento – a ausência da fala – aparece como uma espécie de garantia da ‘norma’. (LOURO, 1997, p. 67-68).

No ambiente escolar, o bullying por homofobia, segundo Dinis (2011), é um dos motivos da evasão escolar de estudantes de identidades sexuais e de gênero que foge a heteronormatividade e até mesmo por tentativas de auto-extermínio de adolescentes que passam por dificuldade de enfrentamento de sua vivência de identidade sexual e de gênero, advinda de preconceito no espaço escolar. Para que a superação das diferenças e o respeito se tornem práticas dos alunos, é importante trabalhar assuntos referentes à sexualidade em sala de aula.

Objetivos

Pretende-se, nesta proposta através da compreensão das origens da “ideologia de gênero” pela análise da história da Educação Sexual no Brasil identificar os impasses causados na educação montes-clarense.

Metodologia

Esta pesquisa consiste em um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso do bacharelado em Psicologia, cuja metodologia pauta-se em uma análise bibliográfica descritiva da produção científica e acadêmica acerca da Educação sexual dos anos 1970 a 1990. Para a consubstancialização dos objetivos anteriormente arrolados, este estudo ancora-se nos estudiosos Dinis (2008), Figueiró (1996), Melo (2010) e Moura (2014).

Resultados

O que é postulado pela “Ideologia de Gênero” exige que o tema seja discutido nos cursos de formação docente, preparando o/a educador/a para resistir a discursos normativos sobre corpo, gênero e sexualidade, preparando-o para uma Educação Sexual de qualidade, sem preconceitos, ajudando a criar uma educação pautada em informações que contribuam para que alunos possam entender melhor sobre prevenção, diversidade e temas diversos.

Dinis (2008) nota que a sociedade atual está em um momento histórico em que se aborda muito a preocupação em se educar para a diferença, e ao mesmo tempo, um cenário geral de grande intolerância mundial, que se desdobram vidas, dificultando a libertação de formas padronizadas de olhar o outro.

Segundo Foucault (2005 apud MELO et al., 2010), o controle do ensino sobre a sexualidade não se daria somente “através de mecanismos negativos (repressões, proibições, censuras, negações)” do sexo, ou seja, de mecanismos controladores, mas sim, falando sobre sexualidade, o que acarretaria um conhecimento e esclarecimento de dúvidas sobre o assunto.

Referências

- DINIS, Nilson; ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação sexual na perspectiva histórico-cultural**. 2007.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência**. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n39/n39a04.pdf> - acesso em 06/07/2016.
- DINIS, Nilson Fernandes. **Educação, relações de gênero e diversidade sexual**. *Educ. Soc.*[online]. vol.29, n.103, pp. 477-492. ISSN 1678-4626, 2008,

FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico. **A PRODUÇÃO TEÓRICA NO BRASIL SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.** Cad. Pesq. São Paulo, n.98, p.50-63, ago. 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

MELO, Eugênia Marques de Oliveira; ARRUDA, Débora Pinho; ALENCAR, Helenira Fonseca de e COLACO, Veriana de Fátima Rodrigues. **O dito e o não dito na educação sexual:** uma produção discursiva. *Psicol. cienc. prof.*[online]. vol.30, n.2, pp. 346-361. ISSN 1414-9893,2010

MOURA, Neide Cardoso de. Análise da ideologia de gênero em livros didáticos de Língua Portuguesa: uma atualização das apresentações e representações. Anais X ANPED - Volume 1, Número 1 , ISBN 978-85-8302-040-0, 2014.